



contava com o apoio da URSS e de Cuba; a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), de Holden Roberto, apoiada pelos EUA, França, Zaire, além de outros países ocidentais; a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), de Jonas Savimbi, que igualmente recebia ajuda dos Estados Unidos e alguns países ocidentais e, posteriormente, deu um passo sem precedentes na História dos movimentos de libertação nacional de África tendo solicitado apoio militar directo ao regime do apartheid da RSA.

O novo Governo Português

reconheceu estas três Organizações como Partes Oficiais nas negociações que visavam a criação de uma base jurídica para a transferência do poder em Angola ao povo deste país, inclusive a realização das eleições livres para a Assembleia Constituinte. Em conformidade com o Acordo de Alvor (Portugal) de 15 de Janeiro de 1975, celebrado entre o Governo de Portugal e o MPLA, a FNLA e a UNITA, a proclamação da Independência de Angola ficou marcada para 11 de Novembro de 1975.

Todavia, devido a divergências políticas de longa data existentes entre o MPLA, FNLA e UNITA, muito em breve o Governo Transitório formado por três movimentos se cindiu. Com a aproximação da data da independência, as contradições entre o MPLA, FNLA e UNITA se agravavam e finalmente resultaram em confrontos armados abertos entre os seus partidários, sendo as primeiras hostilidades registadas no segundo trimestre de 1975.

EUA: “Neutralizar militarmente o MPLA”

A FNLA e a UNITA, de facto, formaram uma coalizão que procurava eliminar o MPLA do palco





político por via militar, sendo os Estados Unidos apoiante externo mais importante destes planos. O Ex-Chefe de Operações da Divisão da CIA para África, George Costello, afirmou, sem rodeios,; “A ideia é neutralizar militarmente o MPLA, até à realização das eleições em Outubro.”

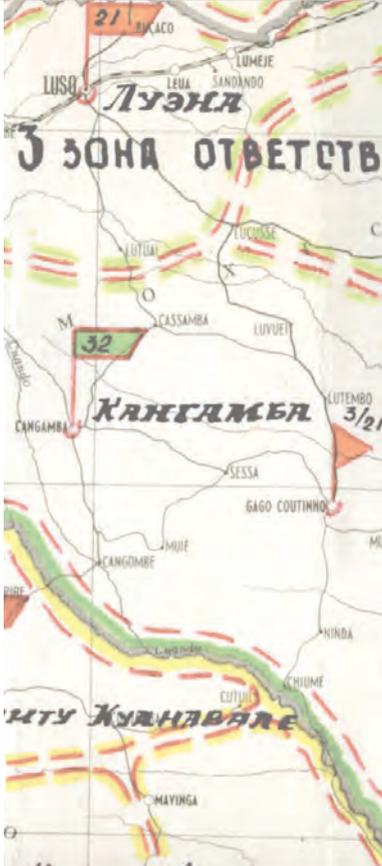


À medida de aproximação da data da proclamação da Independência de Angola marcada no Acordo de Alvor (11 de Novembro de 1975), a ajuda ocidental à FNLA e UNITA ia sendo aumentada. Na CIA, à operação de apoio à FNLA e UNITA foi atribuído o nome de código de IAFEATURE. Em Julho de 1975, a CIA organizou o fornecimento directo de armas à FNLA e UNITA a partir de Kinshasa (Zaire).



Em 25 de Julho de 1975, o líder da FNLA, Holden Roberto, aberta e publicamente exortou os seus partidários a iniciar a “guerra total” contra o MPLA e deu às suas unidades ordem de tomada de Luanda. “Não é para negociar que vamos a Luanda, - disse ele numa entrevista concedida a 24 de Julho ao correspondente da AFP, - mas, sim, para assumirmos o governo do país”. Holden Roberto foi logo apoiado pelo líder da UNITA, Jonas Savimbi. Junto ao Estado-Maior da FNLA trabalhavam um





Em 22 de Agosto de 1975, as tropas regulares da RSA invadiram o território angolano. O pretexto oficial da invasão foi a “necessidade de garantir a segurança” da Barragem de Calueque no rio Cunene que traça parte da fronteira entre Angola e a Namíbia. Os sul-africanos ocuparam a Barragem e os territórios adjacentes.

No mesmo mês de Agosto, o Ministro da Defesa da RSA, Pieter Botha, aprovou a Directiva Nº 8/75 que prescrevia prestar apoio imediato à FNLA e UNITA na luta contra o MPLA. No norte de Angola (inclusive em Cabinda) as

unidades da FNLA operavam em estreita cooperação com as tropas regulares do Zaire. Em meados de Maio de 1975, o contingente zairense ficou constituído por 1200 homens.

Contando com o apoio militar estrangeiro, Holden Roberto e Jonas Savimbi declararam a sua intenção de tomada de Luanda antes de 11 de Novembro. Nesta situação, o líder do MPLA, Agostinho Neto, dirigiu-se a Cuba, URSS, outros países da Comunidade Socialista e da África Independente solicitando ajuda militar no combate contra a invasão estrangeira. Este pedido foi satisfeito.

Ajuda militar de Cuba ao MPLA

A 1 e 3 de Outubro de 1975, em Cabinda aterraram os aviões Bristol Britannia da companhia aérea “Cubana” a bordo dos quais chegou o primeiro contingente importante de 142 instrutores militares cubanos destinado para prestar ajuda ao MPLA. Em seguida, no porto da cidade de Porto Amboim, situado na parte continental de Angola, então controlado pelo MPLA, e no porto congolês de Pointe-Noire ancoraram os navios cubanos “Vietnam



«O dia 10 de Novembro de 1975 era decisivo para ambos os lados, MPLA e FNLA, porque aquela linha de defesa da cidade de Luanda perto do Kifangondo transposta nesse dia, impedia a proclamação da independência».

*Carlos Alberto da Silva
Xavier, General das FA
Angolanas*



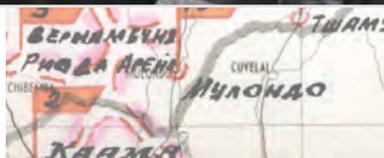
Heroico”, “El Corals Islands” e “La Plata” tendo a bordo cerca de trezentos instrutores militares, armamento, equipamento e mesmo combustível. Cabe notar que todos os instrutores cubanos em Angola eram voluntários.

A missão dos militares cubanos em Angola não previa o envolvimento em combates, mas consistia na formação das unidades militares das Forças Armadas do MPLA (FAPLA) em quatro Centros de Instrução Revolucionária (CIR) que deviam ser desdobrados nas cidades de Benguela, Henrique de Carvalho (Saurimo), Cabinda e Ndalatando controladas pelo MPLA. Os cubanos tinham que formar e treinar 19 Batalhões de Infantaria das FAPLA, assim como preparar as guarnições para 25 Baterias de Morteiros e Baterias Antiaéreas.

Porém, a 14 de Outubro de 1975, começou a invasão em grande escala de Angola pelas tropas sul-africanas que avançaram do território da Namíbia (Operação Savana). As forças regulares da RSA (que procurando induzir opinião pública internacional em confusão se fizeram passar por mercenários) acompanhados por soldados da UNITA e FNLA (no Sul do país igualmente estavam sendo formadas as unidades

armadas de Holden Roberto) e cerca de dois mil militares liderados por Daniel Chipenda, fracionista expulso do MPLA, iniciaram a partir da fronteira com a Namíbia a ofensiva para tomar Luanda. Simultaneamente, as tropas da FNLA apoiadas por forças regulares zaienses desenvolveram do Norte uma ofensiva decisiva sobre Luanda. A situação dos combatentes das FAPLA que contavam com o apoio de escassas centenas de instrutores cubanos tornou-se obviamente crítica.

Foi então que Cuba tomou





decisão de prestar uma ajuda militar mais eficiente ao MPLA e dirigir a Angola as unidades das tropas regulares. A decisão não foi fácil. Jorge Risquet Valdês, membro do Comité Central do Partido Comunista de Cuba, recordava: “Devíamos escolher: ou retiramos os instrutores e abandonamos Angola, ou enviamos as tropas especiais a este país”. A operação de transferência das tropas a Angola foi baptizada de “Carlota”, o nome que se deve a uma escrava negra trazida para Cuba de África e que, em 1843, liderou uma revolta de escravos contra os colo-

nizadores.

Muitos políticos e politólogos ocidentais acusavam a União Soviética “de ter enviado as tropas cubanas a Angola” e de “puxar as cordas” manipulando Cuba. Mas os factos da história mostram o contrário: O envio dos instrutores e, mais tarde, das tropas regulares a Angola foi de exclusiva iniciativa de Havana.

Anatoly Adamishin, Ex-Vice Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, que durante longo período supervisionava as relações com Angola escrevia: “Os cubanos, insistentemente, chegaram a Angola por iniciativa própria. Eles tiveram as relações de longa data com o MPLA: O primeiro encontro de Che Guevara com Agostinho Neto teve lugar em 1965. Antes, fomos envolvidos que ao contrário (salientado pelo autor – S.K.). As forças regulares cubanas deslocaram-se a Angola sem o nosso conhecimento e muito menos a nossa “autorização”.

Entretanto, Adamishin acrescentava: “Porém, sendo fiéis aos princípios internacionalistas, não levantámos quaisquer objecções”. O facto da decisão independente de Havana e da posterior ajuda em grande escala da URSS ao MPLA e aos cubanos em Angola foi pub-



Na história militar a Batalha do Kifangondo - é só um pequeno combate mas de enorme resultado político, pois a Angola de hoje realmente surgiu do resultado deste confronto.

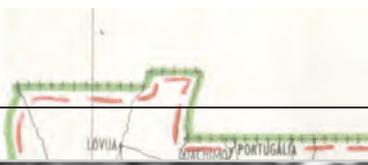
Serguei Kolomnin, da União dos Veteranos de Angola russa, autor do texto



licamente reconhecido por Fidel Castro. Na intervenção de 2 de Dezembro de 2005 em Havana ele declarou: “Embora não tivéssemos consultado os soviéticos relativamente à decisão cubana de enviar as tropas a Angola, posteriormente eles concordaram em fornecer as armas necessárias para a formação do exército angolano e atendiam os nossos pedidos de abastecimento durante toda a guerra”.

Uma força especial de elite do MI de Cuba foi a primeira a desembarcar em Luanda. Junto com os instrutores militares cubanos que já se tinham encontrado na capital angolana estes combatentes desempenharam um papel decisivo da defesa de Luanda contra os invasores estrangeiros. A Operação “Carlota”, iniciada em 7 de Novembro de 1975, foi um acto de resposta à agressão militar indistigada da RSA e do Zaire contra Angola.

Foi graças a tropas cubanas que foram obtidos êxitos decisivos nos combates contra as tropas sul-africanas que apoiavam a UNITA e contra as unidades regulares zaienses de cujo apoio beneficiava a FNLA. Uma das mais importantes batalhas daquela guerra se desenrolou de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975 nas proximidades de Luanda, nos morros de



Cuba. As forças eram evidentemente desiguais, em especial, tendo em conta que a ofensiva da FNLA era apoiada pela aviação militar sul-africana. Não obstante, a coluna da FNLA e das tropas zairenses foi completamente derrotada.

Esta vitória deveu-se à mestria profissional e heroísmo dos militares angolanos e cubanos, assim como ao efeito de surpresa no emprego do altamente eficiente material militar soviético (BM-21 “GRAD”) fornecido pela URSS na véspera da batalha. Graças à vitória das forças conjuntas do

MPLA e Cuba na Batalha de Kifangondo, a 11 de Novembro de 1975, em Luanda, em conformidade com o Acordo de Alvor, foi proclamada a Independência de Angola.

Ajuda militar soviética

Na véspera da Independência, a União Soviética prestava ajuda militar ao MPLA, fornecendo armamento e munições, formando militantes do MPLA nas Escolas Militares da URSS, enviado seus especialistas militares a Angola com a missão de formação dos angolanos in loco. Ao mesmo tempo, a URSS fornecia o material bélico necessário para os voluntários cubanos em Angola.

Entretanto, antes da proclamação da Independência de Angola, nem as armas, nem os especialistas militares podiam ser enviados directamente ao país. Por isso, toda a ajuda militar soviética ao MPLA era prestada através do território da vizinha República Popular do Congo (Congo-Brazzaville) cujos dirigentes davam seu pleno apoio ao MPLA. Depois da proclamação da Independência, esta ajuda ia sendo aumentada. Fidel Castro, reconhecendo a importância decisiva desta ajuda, numa das suas inter-

«En la situación crítica se materializó la ayuda soviética: llegaron los tan esperados MLRS BM-21 «Grad» y todo empezó a cambiar radicalmente. Cuando la artillería reactiva entró en combate se salvó la capital. Las bajas del enemigo fueron tremendas».

Jose M. Ortiz, del libro “Angola: un abril como Giron”



«As FAPLA receberam o reforço internacionalistas cubanos, ajudando a consolidar as suas posições com armas pesadas. Considerando que a batalha tinha grande importância estratégica e política preponderantes as FAPLA foram reforçadas com uma companhia de tropas especiais cubanos, os Corvos ao Imbondeiro, e um batalhão de BRDM na ala esquerda do rio Bengo e na conduta de água que abastece Luanda a partir de Kifangondo».

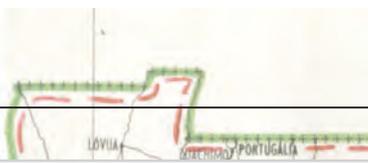
*Carlos Alberto da Silva
Xavier, General das FA
Angolanas*



venções disse: “Angola não teve perspectiva alguma sem o apoio político, técnico e material da URSS”.

Só no mês de Outubro de 1975, os aviões da Aviação de Transporte Militar (ATM) da FA soviética, descolando da URSS fizeram mais de 40 voos aos aeródromos do Congo-Brazzaville tendo a bordo armas e equipamento para o MPLA. Esta operação foi realizada por aviões An-22 e An-12 da Divisão da ATM de Mguinsk. Em seguida, os navios cubanos transportavam estas armas para as regiões de Angola controladas pelo MPLA. Após a proclamação da Independência, houve um aumento contínuo destes fornecimentos.

A 1 de Novembro de 1975, no Congo-Brazzaville desembarcou o primeiro grupo de 20 especialistas e tradutores militares soviéticos que na cidade de Pointe-Noire logo organizaram um Centro de Instrução improvisado de preparação dos militares cubanos e angolanos no emprego do Sistema AA Portátil (PZRK) “Strela-2M”. A 16 de Novembro, já depois da proclamação da Independência da República Popular de Angola, este grupo integrando novos efectivos vindos da URSS foi transferido para Luanda (Chefe do grupo, Consultor junto do EMG das



Ponomarenko, que, em Março de 1976, substituiu o Chefe do Grupo de Assessores Militares, V. Trofimenko (esteve em missão em Angola até Maio de 1978). No período do seu comando, o grupo de assessores, conselheiros e tradutores militares cifrou-se em 344 pessoas. O AMP em Angola seguinte foi o Tenente-General V. Chakhnovich (13 de Novembro de 1977 – 31 de Dezembro de 1980). Naquela época, na Missão Militar Soviética trabalhavam mais de 500 pessoas.

No período da actividade da Missão Militar Soviética sob o

comando do Tenente-General V. Chakhnovich foi criada a base das Forças Armadas regulares da República Popular de Angola (FAPLA), sendo determinada a estrutura orgânica e o armamento a esta correspondente. Ficou concluída a organização do Estado-Maior General eficiente, das Regiões Militares e dos EM das Regiões Militares, foram formadas as Brigadas de Infantaria e Brigadas Mecanizadas das FAPLA, assim como ficou finalizada a organização dos Ramos das FA, i.e., as Tropas Terrestres, a Força Aérea e a Defesa Antiaérea (FAPA/DAA), a Marinha de Guerra Popular de Angola. Nos finais de 1978, nas FAPLA foram formadas as Brigadas de Infantaria Ligeiras para combater a oposição armada que eram assessoradas por militares cubanos.

No período de 11 de Maio de 1982 a 02 de Julho de 1985, o cargo de AMP em Angola foi exercido por Tenente-General (mais tarde Coronel-General) Konstantin Kurochkin. Naquela época, a Missão Militar Soviética contou com mais de três mil e meio assessores e conselheiros militares soviéticos. Durante a estadia de Konstantin Kurochkin em Angola com a assistência dos especialistas soviéticos foram



Os sul-africanos fugiram durante o combate do Kifangondo. Após Caxito abandonaram os obuses sem as culatras e foram resgatados em Ambriz, já noite, por um helicóptero. Fugiram de helicóptero para um barco na costa de Ambriz. Tudo a revelia da FNLA. Os obuses posteriormente foram rebocados pela FNLA, mas sem poder usa-los, acabaram em Ambrizete como ferro velho».

Pedro Marangoni, ex-combatente da Batalha do Kifangondo ao lado da FNLA



desenvolvidos e aprovados: a Lei “Do Serviço Militar Universal Obrigatório”; os Regulamentos “Do Comandante em Chefe das FAPLA”, “Da Declaração da Lei Marcial”, “Dos Comitês Militares Revolucionários”, além de outros documentos fundamentais relativos ao desenvolvimento da organização militar do Estado.

No mesmo período começou a realização da reforma das Forças Armadas Angolanas orientada para a formação das unidades e pequenas unidades de alta mobilidade para o combate ao banditismo (UNITA), foram criadas as primeiras Brigadas de Desembarque e Assalto (13ª e 18ª BDA), foi substancialmente aumentado o fornecimento pela URSS do material bélico mais sofisticado. A crescente mestria de combate da Unidades das FAPLA e o equipamento destas com o material moderno soviético criaram premissas necessárias para o início das negociações entre Angola e a RSA.

Foi assim que o Vice-Chefe do Estado-Maior General das FA da URSS, General do Exército V. Varennikov, que várias vezes esteve em visita a Angola, avaliou aquela etapa da cooperação soviético-angolana: “O período em que a Missão Militar Soviética



bilidade das Tropas Terrestres, Força Aérea e Marinha de Guerra. O Presidente de Angola e Supremo Comandante das FAPLA, José Eduardo dos Santos, tinha plena confiança nele. O General Kurochkin podia encontrar-se com o Presidente a qualquer hora, excepto os casos, claro, quando J.E. dos Santos participava em actividades protocolares. Resolvendo os problemas correntes, ele contactava diariamente, por telefone ou pessoalmente, os homens de confiança do Presidente, em especial, o chefe do serviço de segurança pessoal do

Presidente, José Maria. O AMP soviético, naturalmente, trabalhava em contacto estreito com o Ministro da Defesa e com o Chefe do EMG das FAPLA. Os angolanos, muito cordialmente, o chamavam de “General Constantin”. E era uma atitude merecida.

Nas épocas diferentes, o cargo de Assessor Militar Principal em Angola foi exercido por: Tenente-General G. Petrovski (de 4.12.1980 a 11.03.1982); Tenente-General L. Kuzmenko (1985 – 1987); Tenente-General P. Gusev (de 01.02.1987 a 06.06.1990).

De Abril a Novembro de 1990, a Missão Militar Soviética foi chefiada pelo Major-General S. Surodeev, substituído depois da sua partida pelo primeiro Assessor Militar Principal Adjunto, Assessor do Chefe do EMG das FAPLA, Tenente-General V. Beliaev (esteve em Angola de 10 de Março de 1988 a 03 de Fevereiro de 1991). Desde 1991, quando a cooperação militar oficial entre a URSS (Rússia) e Angola entrou na fase de declínio e o número de assessores e especialistas militares soviéticos ficou reduzido a poucas dezenas de pessoas, o cargo de AMP passou a ser nomeado de “Consultor Militar Principal do Ministério da Defesa



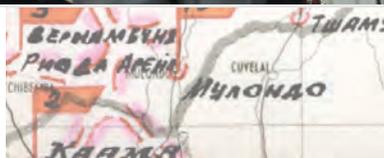


de Angola” sendo exercido, de 27 de Janeiro a 10 de Maio de 1993, pelo Tenente-General V. Lebedev.

Entre 1975 e 1991, no âmbito de prestação da ajuda na construção do Exército Nacional de Angola, neste país trabalhou um total de cerca de 12 mil militares soviéticos, incluindo 107 generais e almirantes, 7211 oficiais, mais de 3500 subtenentes e praças, além de numerosos especialistas civis contratados pelo Exército e Marinha de Guerra Soviéticos e membros das suas famílias. Ademais, no período em questão, nas águas territoriais angolanas prestavam serviço milhares de marinheiros militares soviéticos estando a bordo dos navios de guerra, assim como trabalhavam centenas de pilotos soviéticos de aviões de combate e de aeronaves de transporte militares.

Na sua maioria os militares soviéticos que estiveram em Angola eram oficiais e subtenentes – especialistas com rica experiência em emprego combativo e manutenção de armas e material de combate, pilotos, oficiais de Estado-Maior, chefes com experiência de comando de Companhias, Batalhões, Regimentos e mesmo de Grandes Unidades Operacionais, assim como tradutores militares. O

primeiro grupo de 40 militares soviéticos integrado por especialistas em emprego operacional e tradutores militares chegou a Angola logo depois da proclamação da Independência a 11 de Novembro de 1975. O grupo teve carta branca para participar em acções de combate: ainda a bordo do avião que seguia de Moscovo foi recebida uma mensagem codificada autorizando “os especialistas militares soviéticos a participar em operações de guerra do lado das forças do MPLA e das tropas cubanas”.



táticos e antiaéreos. Eles eram verdadeiros profissionais militares que fizeram muito para a formação das Forças Armadas Angolanas. Não será um exagero dizer que era graças ao empenho de milhares de oficiais e generais soviéticos que em períodos diferentes trabalharam em Angola, que, a partir da década de 80, as FAA começaram a “dialogar de igual para igual” com o Exército da RSA - a máquina de guerra mais eficiente do Continente Africano naquela época.

Desde 1961, marcado pelo início da luta armada do povo angolano pela sua independência até Janeiro de 1995, na URSS e Rússia foram formados 6985 militares angolanos, incluindo 3358 efectivos para as Tropas Terrestres, 1084 para a Defesa Antiaérea, 1310 para a Força Aérea, 591 para a Marinha de Guerra, além de milhares de especialistas civis.

Em 10 anos apenas, de 1978 a 1988, a URSS forneceu para o Exército Angolano e as tropas cubanas em Angola:

- Cerca de 700 tanques (T-34-85, T-54/55, PT-76 e T-62);
- Mais de 800 viaturas blindadas de transporte de pessoal (BTR-152V, BTR-60PB e BRDM 2);



«Na véspera da proclamação da independência de Angola, a pacata Kifangondo, terra de gente camponesa, conhecia a maior concentração militar de que há memória em número de tropas e equipamento e tecnologia militar. Naquele momento, Kifangondo era um palco de um conflito internacional».

*Carlos Alberto da Silva
Xavier, General das FA
Angolanas*

- 400 BMP-1 e BMP-2;
- Cerca de 2 mil canhões e morteiros de diversos calibres e sistemas;
- Mais de um mil sistemas anti-aéreos (canhões antiaéreos de 57 mm e 37 mm, ZSU-23-4M “Shilka”, ZU-23, ZGU-1, ZPU-4 de 14,5 mm);
- 164 aviões de combate (MiG-17F, MiG-21PFM e BIS, MiG-23ML, Su-22M4, Su-17, Su-25K);
- 156 helicópteros de combate e transporte (Mi-8, Mi-17, Mi-25 e Mi-35);
- 100 sistemas de mísseis AA fixos e móveis (S-75M1 “Volga”, C-125M1A “Pechora”, «Kvadrat», OSA-AK, Strela-10M e Strela-1);
- Mais de 1500 sistemas anti-aéreos portáteis (Strela-2M, Strela-3 e Iгла-1M);
- 20 navios de combate, grande número de viaturas de transporte, além de outro armamento e equipamento.

Salvaguarda da Soberania e da Integridade Territorial

Depois de rechaçada a invasão estrangeira de 1975-1976, a guerra em Angola não terminou. O Governo do MPLA, sendo fiel aos



seus princípios internacionalistas, prestava ajuda à SWAPO (Namíbia), ANC (África do Sul), ZAPU (Zimbabwé), disponibilizando o seu território para acomodar os campos de refugiados, missões militares e centros de treino. Esta posição de princípios do Governo de Angola independente foi inúmeras vezes aproveitada pela aviação sul-africana como pretexto para os bombardeamentos e ataques aéreos dos acampamentos de refugiados e guerrilheiros da SWAPO em Angola.

Para efeito de prevenção de novas agressões armadas



do uma ameaça real de perda pela UNITA da sua “base avançada” em Mavinga.

Procurando evitar a derrota total da UNITA, seu aliado fiel na Região, o Exército da RSA, mais uma vez invadiu o território de Angola. Desde a proclamação da Independência, foi a décima quarta invasão de grande envergadura dos sul-africanos na terra angolana. As Brigadas angolanas na região de Cuito Cuanavale ficaram numa situação extremamente difícil. Para ajudá-las, para a zona de combates urgentemente foram transferidas as unidades cubanas reforçadas por carros de combate. A 16 de Novembro, as unidades cubanas e angolanas fizeram parar as tropas da RSA e da UNITA nas proximidades de Cuito Cuanavale.

Nos combates posteriores, as tropas cubanas, além de obrigar os sul-africanos a se retirar do território angolano, de facto, obrigaram-nos a abandonar a Namíbia por eles ocupada. Enquanto as tropas cercadas na “Estalinegrado Africano” estavam em defesa, Havana preparava uma ofensiva. Segundo disse Fidel Castro, “os cubanos actuavam com um pugilista que se protegendo com a mão esquerda, assesta golpe com a direita”. Da Ilha da Liberdade





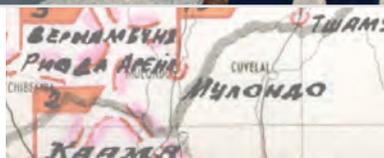
foram transferidas as unidades da 50-a Divisão das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba equipadas com carros de combate T-62. A Angola foi dirigido um grupo de pilotos altamente experientes dos caças Mig-23ML. A União Soviética efectuou o fornecimento adicional de armas, peças sobressalentes e munições para os exércitos cubano e angolano.

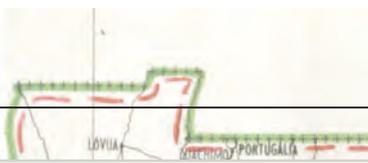
As unidades blindadas cubanas que tinham desembarcado na costa atlântica de Angola fizeram uma marcha impetuosa através de Lubango e Matala e avançaram em direcção a Cahama e Ondjiva visando a fronteira da Namíbia. Nos finais de Maio de 1988, as tropas cubanas e angolanas, travando duros combates, chegaram à fronteira com a Namíbia. Em 27 de Maio de 1988, os caças Mig-23 da FAA pilotados por cubanos submeteram a intenso bombardeamento as posições sul-africanas nos arredores de Calueque, na fronteira entre Angola e Namíbia.

Estas acções decididas dos cubanos obrigaram o regime do apartheid a sentar-se à mesa de negociações que, a 22 de Dezembro de 1988, resultaram na assinatura em Nova Iorque dos

Acordos sobre a retirada total das tropas sul-africanas de Angola e a concessão da independência à Namíbia. Os Acordos igualmente previam a retirada das tropas cubanas de Angola.

A guerra em Angola, e muito em especial a vitória na Batalha de Cuito Cuanavale, tornou possível a libertação da Namíbia, tendo substancialmente acelerado a desmontagem do regime do apartheid na RSA e a chegada ao poder do Governo do Congresso Nacional Africano (ANC) que representava a maioria africana





daquele país. Graças a isso, Angola figuradamente pode ser chamada de “trampolim” a partir do qual “arrancou” a independência da Namíbia e foi concluída a desmontagem do hediondo regime de discriminação racial na RSA. Isto seria absolutamente impossível sem ajuda prestada a Angola pela URSS e Cuba.

O líder do ANC, primeiro africano que tornou-se Presidente da RAS, Nelson Mandela, reconhecia: “ A Batalha de Cuito Cuanavale foi evento crucial na luta do meu povo pela independência do apartheid”. Eis a

opinião do líder cubano Fidel Castro: “As novas gerações devem saber que o fim do apartheid foi posto em Cuito Cuanavale e no sudeste de Angola nas batalhas travadas por mais de 40 mil internacionalistas cubanos que lutavam lado a lado com os combatentes angolanos e namibianos”.

Em Dezembro de 2005, o representante do Governo do Congresso Nacional Africano e Embaixador da RAS em Cuba, Thenjiwe Mtintso, prestando homenagem aos defensores de Cuito Cuanavale, disse: “A terra de Angola está ensopada de sangue dos cubanos tombados em combates e este sangue rega a Árvore da Liberdade da nossa Pátria”.

Cabe dizer que o sangue dos soldados e oficiais cubanos mistura-se ao sangue dos assessores, conselheiros e tradutores militares soviéticos derramado na terra angolana. Eles, ao lado dos seus companheiros angolanos e cubanos, combateram em Cuito Cuanavale, Ondjiva, Cahama, Cuvelai, Xangongo e Chibemba, estiveram aos comandos dos Sistema de mísseis antiaéreos “Pechora”, “Volga”, “Kvadrat” defendendo dos ataques aéreos sul-africanos as capitais das





Províncias de Namibe, Lubango, Menongue no Sul de Angola e muitas outras cidades angolanas.

Por Sérgio Kolomnin

Copyright©União dos Veteranos de Angola. 2010

*Endereço Postal da União dos Veteranos de Angola:
121 099, Moscovo,
Smolenskaia plochad, 3/21, Escritório 161.
Tel.: (499) 940-74-63
E-mail: veteranangola@mail.ru
Nossa página na Internet:
www.veteranangola.ru*

